

SEÇÃO
DOSSIÊ

**TODA QUARTA-FEIRA TEM:
Capoeira de rua e a certeza do encontro**

**EVERY WEDNESDAY HAS:
Street's capoeira and the certainty of the encounter**

**TODOS LOS MIÉRCOLES:
capoeira en la calle y la certeza de un encuentro**

 [Luiza Oliveira Portella](#)¹

Universidade Federal Fluminense
(UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: luportella@id.uff.br

 [Manuela Phebo Torres](#)²

Universidade Federal Fluminense
(UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: manuelaphebo@id.uff.br

 [Victoria Ferreira Oliva](#)³

Universidade Federal Fluminense
(UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: victoriafo@id.uff.br

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Geografia UFF), onde participa do Núcleo de Etnografias Urbanas, realizando a pesquisa "O avesso do mesmo lugar: às margens da cidade". Estagiária da Eletronuclear na parte de gestão ambiental.

² Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e em curso do Bacharel. Membro do grupo PET do núcleo Etnografias Urbanas, realizando a pesquisa "O avesso do mesmo lugar: às margens da cidade".

³ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, onde é bolsista pela CAPES. Licenciada e bacharelada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF - Niterói). Durante a graduação, foi bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Geografia UFF), onde participa do Núcleo de Etnografias Urbanas. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Território, Ações Coletivas e Justiça (NETAJ-UFF). Coursou Geografia e História em período de Mobilidade Internacional na Universidad de Jaén, Espanha (2020.1).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PORTELLA, Luíza Oliveira; TORRES, Manuela Phebo; OLIVA, Victoria Ferreira. Toda quarta-feira tem: capoeira de rua e a certeza do encontro. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 216-220, jul. 2022.

Submissão em: 18/11/2021. Aceito em: 08/02/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Almas vibrantes em corpos orgulhosos (mesmo quando mutilados) andamos de cabeça para baixo. Põem a cabeça no chão, emparafusam-se nas coisas (conhecendo-as por dentro) e no giro, vão dando ideias subterrâneas, que servem de guias para gente transformar e encarar o mundo. (CANJIQUINHA, s/d apud SIMAS)⁴

Às quartas-feiras ocorre o projeto Capoeira de Rua⁵ na praça São Salvador, no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro. Alice Fatorelli, professora do grupo há cerca de três anos, afirma que por mais que a pandemia tenha trazido dificuldades para o projeto, atualmente a única certeza das pessoas em situação de rua que se juntam na roda, é que toda quarta haverá capoeira na praça. Na última aula que fomos, um novo rapaz chegou junto de nós. Os olhos de Elson brilhavam, comunicavam um encanto que parecia não caber em palavras. Na roda, Alice distribui instrumentos para quem quiser se aventurar, e o do rapaz foi o pandeiro.

Pam, pam, pam.

Pam, pam, pam.

Tá ouvindo o ritmo?

Pam, pam, pam.

Agora vai lá, tem que acompanhar o berimbau.

Enquanto seu toque dava origem ao batuque, seus olhares impressionados seguiam fitando o grupo. A inclusão que encontrou naquela praça despertou no rapaz uma emoção chamativa, todos notávamos.

— Quarta-feira que vem tô de volta. — ele afirmava enquanto tomava um café.

Então, às quartas a vida vem daqueles que cultivam e afetam/são afetados pela rua, não obstante moram nela. Muitos ainda se sentem tímidos de participar, começam observando, hesitando em se juntar. Por mais que exista uma rotatividade grande entre os participantes, alguns sujeitos marcam presença no cotidiano da praça: Lázaro, Paulista, Alexander.

Na roda, todos são cativantes, pegam os instrumentos e se divertem encantando a rua. E nesse espaço, nesse momento de ressignificação da praça, a emoção que é despertada em seus corpos é a sensação de que, naquele momento, estão sendo localizados na sociedade de outra forma. Os afetos e as trocas são diferentes daqueles convencionais,

⁴ Trecho retirado do livro: Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas/ Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

⁵ O projeto de capoeira de rua é um projeto independente, que tem algumas parcerias, como o Comida de Rua, o Projeto Voar, a Casa Nem e a Yoga de Rua.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PORTELLA, Luíza Oliveira; TORRES, Manuela Phebo; OLIVA, Victoria Ferreira. Toda quarta-feira tem: capoeira de rua e a certeza do encontro. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 216-220, jul. 2022.

Submissão em: 18/11/2021. Aceito em: 08/02/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

parecem mais íntimos, no sentido de encontrar um espaço comum em tanta diversidade. O ponto de conexão é a diferença. São histórias que não se repetem.

Todo dia pode haver um novo Lázaro ou um novo Paulista, novas narrativas acerca de suas vidas. Afinal, estar na rua é sobre se reinventar. No primeiro momento, para nós que estamos tão enrijecidos com a norma vigente, pode soar como loucura, mas no segundo plano, pode soar até como uma certa lucidez. Estar vivo é sobre reconstruir e construir novas formas de ser.

O ritual da capoeira é canalizado nos corpos. Em todos os corpos. Naqueles que passam e se afetam. Naqueles que param e observam e principalmente, naqueles que a produzem. O corpo é assentamento de saberes, construído pelas práticas cotidianas e que apresentam diversas formas de estar no mundo. Citando Luiz Antonio Simas (2018), a capoeira de rua possibilita “a partir de suas potências, sabedorias encarnadas nos esquemas corporais, recriar mundos e encantar as mais variadas formas de vida. Essa dinâmica só é possível por meio do corpo, suporte de saber e memória, que nos ritos reinventa a vida e ressalta suas potências.” (Ibid., p. 49).

A música e o “gingado” revitalizam a praça com aqueles que moram nela. Parece que a rua e as suas formas brincam com o berimbau mesclando a fantasia e o real. Nessa encruzilhada, a capoeira se apresenta como um campo de possibilidades. Ela rompe constâncias e preenche o vazio com os toques, palmas e cantos. Para muito mais do que rabos-de-arraias e negativas, ela tece, através do olhar atento uns para os outros, uma rede de troca e de afeto.

Essas trocas e afetos trazem a sensação de fazer parte de uma experiência coletiva, rompem uma barreira que isola esses sujeitos em um extremo de vulnerabilidade e imobilidade. No espaço-tempo da roda, as pessoas em situação de rua, a classe média do bairro de Laranjeiras e os outros ao redor são tocados pelo mesmo ritual que rompe barreiras sociais. Os marginalizados e desterritorializados, geralmente excluídos da dinâmica socioespacial, são inseridos no território ao prover laços afetivos/simbólicos com o local.

Trata-se de pessoas que estão, na maior parte de seu tempo, fora do sistema. Alice comentou conosco um exemplo marcante: um de seus alunos estava impossibilitado de tirar a Carteira de Trabalho, visto que agora esse documento é virtual, não existindo mais a modalidade física. Para acessá-lo, então, é necessário um computador, ou um celular; internet; uma senha que ninguém parece saber como fornecer e documentos que, muitas vezes, as pessoas em situação de rua não têm acesso.

Ou seja, aqueles que desejam sair da rua mediante ao trabalho, tem esse direito inviabilizado. A verdade é que, em geral, o acesso a qualquer direito é dificultado para esses sujeitos. Isso ocorre porque a lógica do poder imprime significados sobre esses corpos, que são considerados improdutivos por não gerarem valor de troca e assim, vivem às margens, à parte da sociedade. São marcadores que limitam a mobilidade social e espacial de determinados corpos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PORTELLA, Luíza Oliveira; TORRES, Manuela Phebo; OLIVA, Victoria Ferreira. Toda quarta-feira tem: capoeira de rua e a certeza do encontro. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 216-220, jul. 2022.
Submissão em: 18/11/2021. Aceito em: 08/02/2022.



Algumas características, portanto, possibilitam que os corpos pertençam a quase qualquer lugar na sociedade, como ser homem, branco, heterossexual, classe alta/média, etc. Outras limitam e dificultam a experiência urbana. Mas, como Alicia Lindón afirma, toda experiência espacial é também emocional e corpórea, e o espaço de sociabilidade que a Capoeira de Rua promove, traz novas emoções a esses corpos e uma nova forma de se posicionar no urbano.

Essa experiência nos lembrou de um importante bordão do Simas, em que o historiador aponta a necessidade de festejar em momentos de crise. Em suas redes sociais e em seus livros, o autor constantemente reafirma: a gente não brinca e festeja porque a vida é mole, a gente faz isso porque a vida é dura. É a vida que pede um repouso nas alegrias, porque se não, ninguém segura o rojão.

No caso, o rojão é um espaço vivido limitado pelos marcadores impostos aos seus corpos pelo poder, pela cultura e pela grande desigualdade social. Em cidades de transeuntes apressados e de incorporadores imobiliários, o desrespeito ao direito à cidade inviabiliza que esses sujeitos, de fato, vivam *a* cidade. À eles está restrito viver *na* cidade.

Então, eles vivem *na* cidade. E nesse processo inventam outras formas de existir, inventam múltiplas narrativas para as suas vidas, e os espaços onde eles se sentem incluídos, promovem emoções que são como frestas, festas e escapes dessa experiência urbana tão... imobilizante. E assim vão vivendo *na* cidade.

E com a certeza de que toda quarta-feira é dia de capoeira de rua.

*Adeus povo bom adeus
Adeus eu ja vou me embora
Pelas ondas do mar eu vim
Pelas ondas do mar
eu vou me embora*

Referências bibliográficas

LINDÓN, Alicia. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado *betweenness*. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, pp. 698-723, Dezembro de 2012. ISSN 1676-8965. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/AliciaLindonDos.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. Vagabundos no Batente. **Jornal O Dia** - Rio de Janeiro, 02 de fev. de 2016. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/noticia/opiniaio/2016-02-03/luiz-antonio-simas-vagabundos-no-batente.html>>. Acesso em: 02 out. 2021

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PORTELLA, Luíza Oliveira; TORRES, Manuela Phebo; OLIVA, Victoria Ferreira. Toda quarta-feira tem: capoeira de rua e a certeza do encontro. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 216-220, jul. 2022.
Submissão em: 18/11/2021. Aceito em: 08/02/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons